

# A Cidade se Diverte A Cid



**LUIZ GIOVANNINI**

## “ESCOLA DE MARIDOS”, de Molière

Na excelente tradução de Artur Azevedo, está sendo apresentada, no Teatro de Arena, “Escola de Maridos”, de Molière, direção de José Renato, com Waldemar Wey, ator convidado, no papel de “Sganarello”.

Inspirada em Terencio e nos clássicos espanhóis do “siglo de oro” da literatura castelhana, “Escola de Maridos” é, porém, uma obra típica e original do espírito “mofesco”, com aquelas fundamentais características do gênio e da habilidade do grande clássico francês. Comédia em três atos, apresentada pela primeira vez em Paris, em 1661, explora a história de dois irmãos, Aristo e Sganarello, que por incumbência de um amigo, na hora da morte, transformam-se em tutores de duas irmãs. Isabel e Leonor. Aristo é bondoso, tolerante, equilibrado, senhor de bom senso, por isso mesmo deixa a Leonor razoável liberdade. Sganarello, apesar de muito mais moço do que o irmão, é desconfiado, severo, intolerante, razão por que traz Isabel num cortado, preparando-a para torná-la sua esposa. Isabel, que ama Valerio, seu jovem vizinho, serve-se de todos os artificios e artimanhas para iludir a vigilância de Sganarello. Afinal, depois de várias peripecias, Isabel vai ter à casa de Valerio, enquanto Sganarello, pensando tratar-se de Leonor, vai à procura do irmão a fim de mostrar-lhe a que desastre o conduzia a sua educação liberal. E pode-se imaginar a surpresa de Sganarello ao ver que da casa de Valerio sai Isabel, já sua esposa e com anuência do próprio tutor, Leonor, levada pela generosidade de Aristo, casa-se com ele. A intenção de Molière é tão clara e o título da peça “L'école des maris” dá perfeitamente prova disso. O entrecho é substancioso, as situações excelentes e absolutamente teatrais, bem urdidas e ainda hoje deliciosas pela originalidade.

A direção de José Renato caracterizou-se pela leveza e por um ritmo de “ballet” que lembra a “commedia dell'arte” e lhe dá, por isso mesmo, a chancela da época. Pareceu-nos porém, que o diretor abusou um pouco do tom farsesco, caricaturando certas situações e certos personagens. Contudo, o espetáculo é bom, fluente, movimentado, o que constitui um autêntico milagre se se levar em conta a dimensão do espaço de representar do Teatro de Arena.

Com referência à interpretação, destaca-se completamente o desempenho de Waldemar Wey, em “Sganarello”, indiscutivelmente sua maior criação no teatro. Ator consciencioso, correto, sabendo dizer os versos de Molière com firmeza e segurança, Wey penetrou no personagem, vestiu-lhe a roupa e a psicologia e veio à cena apresentar-se ao público com todo o ridículo que o autor extravazou nessa magistral criação (uma das maiores do teatro de todos os tempos). E Waldemar Wey soube transmitir ao público o caricatural e o humano da figura de Sganarello. Riva Nimitz e Wanda Pinto, respectivamente “Isabel” e “Leonor”, dão graça à comédia pela maneira com que se conduzem e pelos seus encantos físicos. Floramy Pinheiro, sempre segura e certa. Gianfrancesco Guarnieri, que vem do Teatro do Estudante Paulista, confirmou os prognósticos da crítica, reafirmando-se como ator correto e consciencioso. Os demais, Luis Eugenio Barcelos, Salomão Guz, Ricardo Klauss, Oduvaldo Viana Filho, Alzira Mattar, Nina Neri, Milton Leandro e Leonardo Fernandes, bons uns, regulares outros. Razoáveis os figurinos de Willis Sousa Castro, executados por Odilon Nogueira.

“ESCOLA DE MARIDOS” é um espetáculo digno, limpo, correto, que honra o Teatro de Arena e diverte bastante o público.